



# *fivelas de cinturão visigóticas da coleção estrada (séc. V–VIII d.C.): formas e simbolismos identitários, sócio económicos e funerários.*

GUSTAVO PORTOCARRERO

CIEBA – FACULDADE DE BELAS-ARTES  
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

## RESUMO

Neste artigo, apresenta-se um conjunto de 68 fivelas visigóticas da Col. Estrada, mostrando as suas tipologias e simbolismos com elas relacionados.

**Palavras-chave:** fivelas, visigodos, formas, símbolos.

## ABSTRACT

*In this article, it is presented a set of 68 visigothic buckles of Col. Estrada, showing its typologies and symbolisms.*

**Keywords:** buckles, visigoths, forms, symbols.

Os estudos arqueológicos em Portugal relativamente ao período Visigótico, entre os séculos V e VIII d.C., têm sido poucos e parcelares, sendo as áreas mais estudadas a arquitectura e a escultura (e.g. Almeida 1986, Maciel 1995). Estudos sobre torêutica, a arte de trabalhar o metal, têm sido praticamente inexistentes (uma excepção recente pode encontrar-se em Arezes 2011). Ora é exactamente na torêutica que tem lugar uma das mais importantes manifestações materiais desta época: as fivelas de cinturão. A Col. Estrada possui um numeroso grupo de fivelas de cinturão visigóticas, num total de 68, sendo uma das mais importantes colecções que existe sobre este género de peças a nível mundial. Tendo em conta o panorama desolador dos estudos de torêutica visigótica em Portugal, o estudo cuidadoso destas peças torna-se, assim, bastante necessário, algo que será feito neste artigo, através da apresentação das formas existentes, bem como da análise de aspectos identitários, sócio-económicos e funerários destas peças.

Relativamente à análise das formas, este artigo baseia-se em estudos sobre a mesma temática feitos em Espanha. Nas últimas décadas têm ocorrido nesse país uma grande quantidade de escavações em cemitérios da época visigótica, algo que permitiu obter uma grande quantidade de fivelas e apurar melhor as suas formas e cronologias (e.g. Ripoll 1998, Serrano 1999, AA. VV. 2007). Já no caso da Col. Estrada, as peças foram obtidas no mercado de antiguidades, pelo que não se conhece o seu contexto arqueológico. No entanto, como os Visigodos ocuparam a totalidade da Península Ibérica e como todas as peças da Col. Estrada têm paralelos com outras encontradas em Espanha, serão assim utilizados as cronologias e tipologias obtidas nas escavações espanholas.

As peças existentes na Col. Estrada dividem-se em dois grandes grupos: as de influência danubiana, datáveis de finais do séc. V a finais do século VI (num total de 26 peças), e as de influência itálica/bizantina, datáveis de finais do séc. VI a inícios do séc. VIII (num total de 42 peças).

No tocante ao primeiro grupo, trata-se de peças feitas em bronze e constituídas por um aro e uma placa rectangular com decoração constituída por motivos geométricos

(Ripoll 1998: 47–56). Algumas destas placas têm decoração fundida (fig. 1), outras têm cabuchões com vidros ou pedras preciosas (fig. 2), sendo as restantes (a maioria) feitas em *cloisoneé* (fig. 3).



Fig.1 | Fivela visigótica (sécs. V–VI).  
CE03653 | Dimensões médias: 6,6×12,7×1,7 cm



Fig.2 | Fivela visigótica (sécs. V–VI).  
CE03657 | Dimensões médias: 5,7×11,7×0,8 cm



Fig.3 | Fivela visigótica (sécs. V–VI).  
CE00542 | Dimensões médias: 12×6,5×0,7 cm

Estas fivelas de cinturão tinham um simbolismo, simultaneamente, identitário, sócio-económico e funerário.

Identitário, porque eram usadas somente pelos Visigodos, distinguindo-se desta forma da população hispano-romana que estava sob o seu domínio. Os Visigodos já usavam este género de fivelas antes de se instalarem no Império Romano e continuaram a usá-los depois de terem formado um estado autónomo na Península Ibérica na sequência da queda do Império Romano do Ocidente.

Mas também estas fivelas demonstravam estatuto sócio-económico. Note-se que nem toda as pessoas enterradas em cemitérios visigóticos tinham estas fivelas (AA. VV. 2007). Por outro lado, estas fivelas pertenciam sobretudo a um estrato social intermédio, dado que imitavam as de personagens ainda mais ricas e poderosas, as quais eram feitas de ouro e pedras preciosas. As fivelas aqui expostas são de bronze, cuja cor dourada imita o ouro, e têm muitas vezes vidro e pasta vítrea que imitam pedras preciosas como se pode ver, por exemplo, em algumas peças que têm vidro vermelho a imitar granadas. A única excepção é uma peça feita em bronze, mas coberta por uma folha de ouro (fig. 4).

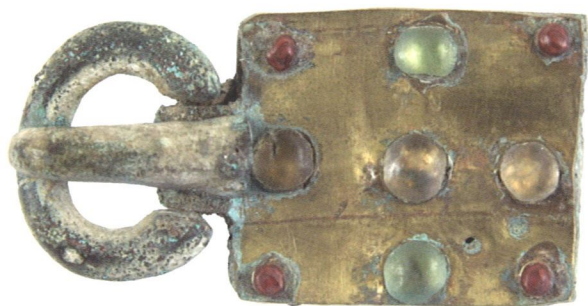


Fig.4 | Fivela visigótica (sécs. V-VI).  
CE002324 | Dimensões médias: 3,7x7,1x0,8 cm

Finalmente, também tinham um uso funerário. Em primeiro lugar, convém notar que as fivelas fechavam cinturões, sendo que, neste contexto o seu simbolismo servia essencialmente para indicar uma ligação, para vincular (Chevalier e Gheerbrant 1994: 486), neste caso o falecido com o Cosmos, abraçando-o num círculo contínuo que impede a sua desin-

tegração (ibid.: 483, 595), funcionando, assim, como talismã protector. Este carácter apotropaico é igualmente visível, em várias cruces, geralmente de cor azul (a cor do Céu), que indicam igualmente o estatuto cristão do falecido, embora, contrariamente às populações hispano-romanas, os visigodos fossem arianos e não católicos (fig. 5).



Fig.5 | Fivela visigótica (sécs. V-VI).  
CE00548 | Dimensões médias: 10,1x5,1x0,7 cm

As cores predominantes nestas fivelas são o verde e o vermelho. A primeira está relacionada com uma natureza que se renova (*ibid.*: 682–685), sendo isso o que o falecido esperava para a sua alma: a ressurreição (fig. 6). Em alguns casos, chegam mesmo a ser representadas nas placas folhas, símbolos da natureza, de modo a enfatizar com mais força essa ligação (fig. 7). Já no caso do vermelho, a multiplicidade de cabuchões (fig. 8) permite supor a representação das sementes da romã, de cor vermelha, fruto que, na tradição cristã, simboliza a perfeição divina (*ibid.*:574, 575), mostrando assim, uma vez mais, as expectativas do morto para a vida no Além.

Em finais do século VI, este modelo de fivelas foi abandonado e substituído por outras de influência itálica e bizantina (Ripoll 1998: 56–66). Relativamente às suas formas, as itálicas eram caracterizadas por uma placa rígida que se encontrava unida ao aro (fig. 9); já nas bizantinas o aro estava separado da placa (fig. 10). Quanto à decoração, ela era incisa e sem pedras preciosas ou vidros, diferenciando-se assim das soluções técnicas do período anterior.



Fig. 6 | Fivela visigótica (sécs. V-VI).  
CE03656 | Dimensões médias: 6,7×12×0,9 cm



Fig. 7 | Fivela visigótica (sécs. V-VI).  
CE03659 | Dimensões médias: 6,4×11,5×1,4 cm

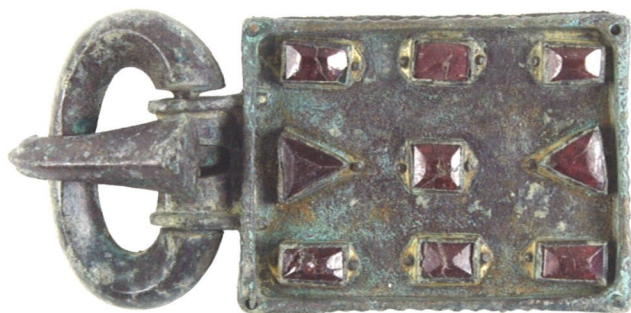


Fig. 8 | Fivela visigótica (sécs. V-VI).  
CE03658 | Dimensões médias: 6,2×12,6×2,8 cm



Fig. 9 | Fivela visigótica (sécs. VI-VIII).  
CE03197 | Dimensões médias: 3,9×8,4×0,3 cm



Fig. 10 | Fivela visigótica (sécs. VI-VIII).  
CE03159 | Dimensões médias: 4×11,2×0,4 cm

À semelhança das fivelas do período anterior também se pode fazer uma leitura identitária, sócio-económica e funerária.

Começando pela primeira, ao longo do século VI houve várias ameaças internas e externas ao domínio visigótico sobre a Península Ibérica, o que levou a que estes, em finais desse século, procurassem uma união com a população hispano-romana. O acto mais importante desta união foi o abandono do arianismo e a conversão dos Visigodos ao catolicismo. Mas a sua anterior religião não foi a única coisa que abandonaram: também toda a cultura material que de, alguma forma, os diferenciava da população hispano-romana também foi abandonada. É assim que no tocante às fivelas de cinturão os modelos usados pelas populações hispano-romanas, de inspiração itálica ou bizantina, acabaram por ser adoptados (Ripoll 1998: 58, 60).

Relativamente ao estatuto sócio-económico, à semelhança do que acontecia com o grupo de fivelas anterior, as escavações arqueológicas também revelaram que só algumas pessoas usavam fivelas em bronze; outras não usavam

qualquer fivela e um minúsculo grupo usava fivelas de ouro (AA. VV. 2007).

Portanto, as fivelas continuaram a ser usadas como indicadores de estatuto sócio-económico. Os mais ricos usam o ouro e os que têm algumas posses usam o bronze. Ainda assim, note-se que, mesmo nestas fivelas de bronze é possível também notar alguma hierarquização: assim, enquanto que algumas são simples e sem decoração (fig. 11), outras apresentam um maior cuidado na sua elaboração (fig. 12).

do as bizantinas, têm várias cabeças estilizadas que têm sido interpretadas como grifos (Ripoll 1998: 144, 146), os quais, neste contexto têm uma função apotropaica guardando as almas dos mortos na sua ascensão ao paraíso celeste (Chevalier e Gheerbrant 1994: 358) (fig. 15). Dois grifos afrontados podem igualmente ser vistos numa das placas, com o mesmo significado (fig. 16). Um último animal fantástico aqui representado é uma quimera, também com uma função apotropaica (Ripoll 1998: 164) (fig. 17).



Fig.11 | Fivela visigótica (sécs. VI-VIII).  
CE03179 | Dimensões médias: 12,9x7,3x0,3 cm



Fig.13 | Fivela visigótica (sécs. VI-VIII).  
CE03188 | Dimensões médias: 3,8x9,6x0,3 cm



Fig.12 | Fivela visigótica (sécs. VI-VIII).  
CE03158 | Dimensões médias: 4,1x10,6x0,3 cm



Fig.14 | Fivela visigótica (sécs. VI-VIII).  
CE03195 | Dimensões médias: 3,4x8,9x0,3 cm

Por último, o simbolismo funerário de cariz cristão continua, mas também com algumas diferenças face ao período anterior. A imagem da cruz mantém-se em algumas das placas (fig. 13); outras apresentam pequenos círculos que simbolizam provavelmente a protecção contra o mau-olhado (fig. 14), sendo vulgar encontrá-las nas fivelas mais simples como substituição da decoração mais complexa, sem dúvida de elaboração mais custosa; outras ainda, sobretu-



Fig.15 | Fivela visigótica (sécs. VI-VIII).  
CE03186 | Dimensões médias: 1,7x5x0,2 cm



Fig.16 | Fivela visigótica (sécs. VI–VIII).  
CE03654 | Dimensões médias: 5,4×14,1×0,7 cm



Fig.17 | Fivela visigótica (sécs. VI–VIII).  
CE03655 | Dimensões médias: 4,7×10,3×0,9 cm

#### BIBLIOGRAFIA

- AA. VV. (2007) — *La Investigación Arqueológica de la Época Visigoda en la Comunidad de Madrid*, 3 VOLS., Madrid: Museo Arqueológico Regional.
- ALMEIDA, CARLOS ALBERTO FERREIRA DE (1986) — *História da arte em Portugal: Arte da Alta Idade Média*, VOL. 2, Lisboa: Publicações Alfa.
- AREZES, ANDREIA (2011) — *Elementos de adorno altimedievicos em Portugal (Séculos V a VIII)*, Noia: Editorial Toxosoutos.
- CHEVALIER, JEAN; GHEERBRANT, ALAN (1994) — *Dicionário dos Símbolos*, Lisboa: Teorema.
- MACIEL, MANUEL JUSTINO (1995) — “A Época Clássica e a Antiguidade Tardia”, in PEREIRA, PAULO (dir.) *História da Arte Portuguesa*, Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 76–149.
- RIPOLL, GISELA (1998) — *Toréutica de la Bética*, Barcelona: Reial Acadèmia de Bones Lletres.
- ROSS, MARVIN (2005) — *Catalogue of the Byzantine and Early Medieval Antiquities in the Dumbarton Oaks Collection*, VOL. 2, Washington: Trustees for Harvard University.
- SERRANO, VERÓNICA (1999) — “Bronces de época visigoda en el Museo de Torrecampo (Córdoba)”, in *ANTIQUITAS*, 10.

